

BRASÍLIA, DOMINGO, 23 DE SETEMBRO DE 2007

RENATO ARAÚJO



■ ISABEL
CRISTINA
NOGUEIRA
ARAÚJO ESPERA
HÁ UM ANO E
MEIO PELA
LIQUIDAÇÃO DO
INVENTÁRIO DA
MÃE QUE
FALECEU

Paciência com a burocracia

A aposentada Isabel Cristina Nogueira Araújo, 48 anos, há um ano e meio convive com o desgaste de ter de esperar pela liquidação de um inventário. A mãe dela faleceu em março do ano passado e, desde então, a família enfrenta uma peregrinação pela liberação dos bens.

"É doloroso, porque cada vez que você olha o processo, você se lembra da pessoa. O advogado nos deu uma previsão de três meses no início mas, depois que conversamos com outras pessoas que já tinham feito o mesmo caminho, vimos que não seria bem assim. Existem tam-

bém as taxas jurídicas e os tributos, que eu acho um absurdo. Quem não tiver uma reserva financeira, tem de largar de mão o assunto", alerta.

Isabel reclama que, em dezembro do ano passado, entregou um último documento que estava faltando e, desde então, não houve mais notícias do andamento da ação. "Era a cópia de um documento da Receita Federal. Desde então, está tudo prontinho. Não entendo porque está demorando tanto", queixa-se.

A dona de casa Rosimary Cardoso Maciel, 52 anos, per-

deu o marido há oito meses, e há sete está mexendo com os trâmites do inventário. E passa pelas mesmas dificuldades. "Comecei a tratar dos documentos um mês após a morte dele e já me sinto desanimada. É muita burocracia. O pior é que ele tinha um cheque de uma diferença da aposentadoria para receber, pelo qual ele já estava esperando. Achei que fosse dado automaticamente a mim, mas não posso tocar em nada que ele ganhou após o falecimento. É cruel, porque estamos tendo despesas, e precisamos do dinheiro", reclama.